

AS PERCEPÇÕES ACERCA DO QUEIMADO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Flavia Fernandes de Oliveira,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCEE/ GPEEsC²/UERJ)

Thulyo Lutz,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCEE/ GPEEsC/UERJ)

Anna Carolina Carvalho de Souza,

Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGEF/GPEEsC/UFRJ)

Leonardo Carmo Santos,

Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGEF/GPEEsC/UFRJ)

Silvio de Cassio Costa Telles,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (GPEEsC/UERJ)

Giannina do Espírito Santo,

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CONEP/GPEEsC)

RESUMO

O jogo queimado é um fenômeno nas aulas de Educação Física. As possibilidades de aprendizagem são amplas, mas essa prática pode ser um estopim para ações de violência, exclusão e bullying. Este estudo buscou apresentar e discutir as percepções encontradas na literatura acerca do queimado. A metodologia foi pautada na revisão narrativa. Concluímos que o queimado pode ser prática promotora da violência e bullying nas aulas, mas que enquanto prática humana é passível de resignificação.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying; Queimado; Educação Física Escolar*

INTRODUÇÃO

Dentre as diversas manifestações da cultura corporal tematizadas pela Educação Física escolar (EFE), os jogos populares costumam despertar o interesse dos alunos. O queimado³ é

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² Grupo de Pesquisa em Escola, Esporte e Cultura

³ Conhecido no Rio de Janeiro como “queimado”, mas também pode ser queimada, bola queimada, mata-mata, caçador, carimba ou baleado. (OLIVEIRA;LUIZ, 2016)

um exemplo, ao ser incorporado de forma espontânea pelas crianças e passado de geração a geração (DARIDO; RANGEL, 2008). Como jogo ou brincadeira, o queimado faz parte do currículo da EFE e merece ser objeto de análise.

Estudos indicam a potencialidade do queimado para o desenvolvimento, formação, superação e prazer dos alunos nas aulas (GOMES, 2016; RETONDAR, 2011), mas por outro lado, surpreendentemente nos deparamos com a análise acerca do caráter deseducativo e facilitador da prática da opressão (BUTLER, BURNS E ROBSON, 2020). Diante desse cenário de não consenso, este manuscrito tem o objetivo de apresentar e discutir as percepções encontradas na literatura acerca do queimado nas aulas de EFE.

METODOLOGIA

Para o alcance do objetivo foi realizado uma revisão narrativa. As revisões narrativas para Casarin *et al* (2020) não informam necessariamente as fontes de informação utilizadas, a metodologia para busca das referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos. Caracterizam-se pela análise da literatura publicada em livros, artigos que são na visão do autor da pesquisa relevantes para elucidar pontos decisivos do estudo. Assim, é um meio não sistematizado de revisar a literatura, contudo importante para proporcionar atualizações a respeito de um determinado assunto oferecendo ao revisor suporte teórico em curto período.

O QUEIMADO ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM

O queimado é patrimônio imaterial da humanidade, que mesmo sem um pertencimento institucional ou organização e sistematização de suas regras, atravessou séculos e regiões, sendo parte da cultura do jogo. Os estudantes confundiam a prática do jogo com a própria EFE, sendo esse um dos momentos mais esperados das aulas (OLIVEIRA E LUIZ, 2016). De acordo com Gomes *et al.* (2019) o queimado é uma prática corporal apreciada por um número expressivo de estudantes, sendo praticado de forma espontânea e lúdica tanto nos ambientes escolares quanto fora dele.

Como jogo popular e de fácil aprendizagem pertencente ao universo da criança, tal potencialidade não parece ser à toa, já que para Retondar (2011) o jogo representa uma atividade destituída de qualquer julgamento moral; que busca por superação, felicidade,



entusiasmo, reconhecimento e prazer. As diversas possibilidades de alteração de regras e condições dos jogadores favorecem a aprendizagem e a formação humana, sobretudo ao tornar-se uma ferramenta da prática pedagógica.

O estudo de Oliveira Junior (2011) apresentou experiências de práticas do queimado na EFE, sinalizando que é capaz de favorecer o trabalho coletivo entre os alunos e a valorização da cultura regional, bem como potencializar o sentido e a importância da ludicidade e da solidariedade nas aulas e na vida. No mesmo caminho, Darido e Rangel (2008) apontam que o jogo/brincadeira proporciona aprendizagens sociais, cognitivas, motoras, culturais, pedagógicas, afetivas e de convivência. Contudo, seria sempre uma possibilidade apenas promotora de ludicidade e aprendizagem significativa?

O QUEIMADO ENQUANTO POSSIBILIDADE DE VIOLÊNCIA

Para Oliveira e Luiz (2016), há um entendimento dos alunos no sentido de que os menos habilidosos se restringem ao papel de serem queimados, receptores ou passadores de bola, enquanto os mais habilidosos centralizam as ações e o protagonismo do jogo ao queimar os demais. Assim, é possível identificar um grupo de alunos que provavelmente estão mais expostos às “boladas” se configurando como alvos fáceis. Tal cenário parece comum aos agentes das aulas de EFE cuja atividade é o queimado, reforçando os valores do esporte competitivo e atenuando as possíveis características e intencionalidades pedagógicas e formativas no planejamento curricular.

Butler⁴, Burns e Robson (2020), por meio da publicação intitulada “Queimado (a): Inadvertidamente ensinando a opressão na Educação Física” (tradução livre), consideram o queimado (*Dodgeball*) como deseducativo, já que há uma espécie de “currículo oculto do queimado”⁵, que reforça a marginalização e o sentimento de impotência e desamparo daqueles percebidos como mais fracos por meio da violência e da opressão daqueles considerados mais fortes, contribuindo para uma prática de jogo de agressão e distante de uma formação ética.

⁴ Em junho de 2019, Joy Butler durante apresentação no Congresso de Ciências Humanas e Sociais de Vancouver/Canadá defendeu a argumentação de que o queimado propicia a legalização do *bullying* nas aulas de EFE.

⁵ Tradução livre para a categoria “*Hidden curriculum of dodgeball*” (BUTLER; BURNS; ROBSON, 2020, p. 8)



Baseado na teoria de opressão estrutural de Young (1990, *apud* BUTLER; BURNS; ROBSON, 2020, p. 4), que são as normas, hábitos e símbolos não questionados que partem de ideias implícitas de regras institucionais e as consequências coletivas por seguir essas regras, os autores apresentam uma tabela para conceituar os relatos dos alunos sobre o queimado representando o que chamam de currículo oculto, conforme exposto a seguir.

Tabela 1- Alvos Humanos

Preocupações com a justiça social resultantes de queimada (Jogos de alvo humano)	
Consequências	Mensagens secretas
Exploração e impotência	
1 Os alunos que criam estratégias para a sobrevivência podendo ser identificados como alvos	Quanto menor eu sou, maior a probabilidade de ser uma vítima
2 Os professores de EFE valorizam o queimado e oferecem como recompensa.	O sistema está contra mim.
Domínio e imperialismo cultural	
3 Os alunos que gostam deste jogo tendem a ser mais competitivos, mais atléticos e maiores	Se comportar de uma determinada maneira para obter sucesso e aprovação.
4 A prática de tiro ao alvo humano é endossada pelo programa de EFE e pela escola	Não há problema no <i>bullying</i>
Violência	
5 O aprendizado de habilidades como esquivas, arremesso e a captura é deixada ao acaso.	É a sobrevivência do mais apto.
Marginalização	
6 Os alunos aprendem a bater em outra pessoa com força, sem levar em consideração as consequências (causando dor física e humilhação)	É permitido ferir e desumanizar o 'outro'
7 Queimado promove o <i>bullying</i> e a intimidação dos menos atléticos, menos coordenados e identificados por uma minoria (LGBTQ2, culturalmente diferente, com deficiência física)	Serei magoado (punido) se for diferente
8 É oferecido aos alunos o queimado no lugar de um currículo de EFE estruturado	EFE é dispensável e sem importância

Fonte: Adaptado e traduzido a partir do texto de Butler, Burns e Robson (2020, p.6)

Diante da exposição da tabela e acerca da violência na escola e nas aulas de EFE, merece destaque a contextualização contemporânea do *bullying*, que significa o ato consciente e deliberado de maltratar outra pessoa, *bullies* ou *bully* é traduzido como "valentão", e por verbos como "amedrontar" / "tiranizar". (OLIVEIRA; VOTRE, 2006). Por vezes, o *bullying* como o ato de violência se inicia como forma de brincadeira, mesmo que pertencente ao jogo e ao currículo oculto do queimado (bem como outras atividades, jogos ou esportes), viola as normas de convivência social entre os pares, devido ao desrespeito, a discriminação e ao preconceito.

Para Butler, Burns e Robson (2020), o queimado favorece um contexto em que provocações, *bullying* e outras formas de violência podem emergir, tornando o aluno vulnerável à opressão e marginalizado; encorajando os mais fortes a atingir os mais vulneráveis; e defendem ser inconcebível normalizar esse tipo de agressão e violência no ambiente escolar. "Brincando" e jogando, os mais fortes violam os mais fracos, como observou Oliveira e Luiz (2016).

Destacamos as nuances ocultas e violentas do queimado, como a exclusão de alguns alunos tornando-os com mais possibilidades de serem vítimas; a impossibilidade de eles escolherem as atividades e terem "voz" nas aulas; a percepção de que o "sistema educacional" (a prática curricular) está contra eles, que devem apenas obedecer; e que objetivo do jogo queimado é aniquilar o adversário, fomentando a representação de que a EFE é dispensável e irrelevante (BUTLER, BURNS e ROBSON, 2020). Esse cenário por vezes é percebido pelo professor, que tenta atenuá-lo a partir de regras como redução de força, equipamentos e bolas mais leves, conforme indicado pelos autores canadenses e também por Assis de Oliveira (2005).

Por isso é importante entender o papel da escola, da EFE e do planejamento curricular. Para Assis de Oliveira (2005, p.19) a escola é um espaço de contradições e conflitos, e articula uma perspectiva teórica de interpretação do esporte (e também do jogo) como fenômeno cultural que merece um trato pedagógico que exponha sua explicação, superação e negação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O queimado enquanto caminho para aprendizagens sociais positivas demonstra uma oportunidade para o currículo da EFE discutir as diferenças em fenômenos sociais, tal como a violência e o *bullying*. Talvez, considerar o currículo oculto do queimado como inconcebível numa escola (como sugerem os autores canadenses) entendendo que ele não deveria fazer parte



do projeto educacional, para nós representa uma postura que percebe o fenômeno tematizado pela EFE (jogo, esporte etc.) como imutável, produzindo uma reificação de algo que foi produzido pelo próprio homem.

PERCEPTIONS ABOUT DODGEBALL IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

ABSTRACT

The game dodgeball is a phenomenon in Physical Education classes. The learning possibilities are increase, but this practice can be a trigger for actions of violence, exclusion and bullying. This study searched to present and discuss the perceptions found in the literature about dodgeball. The methodology was based on the narrative review. We conclude that the dodgeball can be a practice that promotes violence and bullying in classes, but that as a human practice it is liable to be re-signified.

KEYWORDS: *Bullying; Dodgeball; School Physical Education*

PERCEPCIONES SOBRE BALON PRISIONERO EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN

El juego balon prisionero es un fenómeno en las clases de Educación Física. Las posibilidades de aprendizaje son amplias, pero puede ser un detonante para acciones de violencia, exclusión y bullying. Este estudio buscó presentar y discutir las percepciones encontradas en la literatura sobre balon prisionero. La metodología se basó en la revisión narrativa. Concluimos que el juego puede ser una práctica que promueve la violencia y bullying, como práctica humana es susceptible de resignificarse.

PALABRAS CLAVE: *Bullying; Balon Prisionero; Educación Física Escolar*



REFERÊNCIAS

ASSIS DE OLIVEIRA, S. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2005.

BUTLER, J.; BURNS, D.; ROBSON, C. Dodgeball: Inadvertently teaching oppression in physical and health education. **European Physical Education Review**, 27, p.27- 40, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177%2F1356336X20915936>>. Acesso em: 15 dez de 2020

CASARIN, S. *et al.* Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. **Journal of Nursing and Health**, v10, n. 5, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10152/jonah.v1110>>, Acesso em 20 dez de 2021.

DARIDO, S.; RANGEL, I. (Coords.). **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

GOMES, C. As brincadeiras e os jogos na Educação Infantil. In: MOREIRA, E. C. (Org.). A Educação Física na rede municipal de ensino de Cuiabá: uma proposta de construção coletiva. 2 ed. rev. e ampl. Cuiabá: EdUFMT, 2016.

GOMES, C. *et al.* A queimada e suas variações: Indicativos para uma prática participativa na educação física escolar. **Cadernos de formação RBCE**, v. 10, p. 32-43, 2019.

OLIVEIRA JÚNIOR, J. **Ameba, Real, Chinesa, Baleado: protagonizando jogos de queimada**. 2011. Disponível em:< http://www.gpfe.fe.usp.br/teses/jorge_01.pdf >, Acessado em: 10 fev. 2021.

OLIVEIRA, V.; LUIZ, I. Da queimada “intergaláctica” ao cabo de “três forças”: uma experiência pedagógica sobre os usos dos jogos como conteúdo de ensino da educação física. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 7, n. 1, p. 20-31, mar., 2016

OLIVEIRA, F.; VOTRE, S. Bullying nas aulas de educação física. **Movimento (Impr.)**, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, 2006.

RETONDAR, J. O jogo como conteúdo de ensino na perspectiva dos estudos do imaginário social. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Impr.)**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 413-426, June, 2011.